

Marcus Alexandre Mendes de Andrade

ENTRE A FÉ E O PODER

Uma biografia do Papado

2020

*A todos os cristãos inseridos em pequenas comunidades de fé e vida,
para os quais todo poder eclesial deveria existir
na forma de serviço abnegado.*

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é apresentar a história do papado em uma perspectiva biográfica. Portanto, muitos assuntos certamente ficarão de fora ou serão simplesmente citados *en passant*. Um estudo completo da história do papado é, sem dúvida alguma, uma obra hercúlea e de difícil execução e este não é o objetivo proposto.

No entanto, a cada perfil estudado, o leitor poderá compreender o momento histórico e a participação de cada Papa dentro de seu contexto específico. Ademais, conhecerá suas particularidades, seus traços mais característicos, os desafios que enfrentaram e até os problemas que, porventura, tenham criado.

Para além de tudo, se olhará o papado como um recorte da história da própria humanidade. A Igreja, ao contrário do que se pensa, não é uma instituição à parte do mundo, longe das tramas e dramas da humanidade. Muito pelo contrário. É parte integrante do mundo e, por isso, comunga de todas as vitórias e derrotas com as quais os homens convivem diariamente.

Por isso, todos serão abordados a partir de sua condição humana, afinal foi como homens que assumiram o comando da Igreja Católica e a ela dedicaram alguns ou muitos anos de sua vida.

Serão elencados aqui os 266 papas que assumiram oficialmente o Pontificado, desde o Apóstolo Pedro até o Papa Francisco, eleito no conclave de 2013.

Ademais, serão apresentados aqueles que governaram a Igreja ou parte dela como antipapas e que, por isso, também tiveram sua importância histórica.

Que o leitor saboreie cada página e aproveite para aprofundar um pouco mais desta faceta da história da própria humanidade, da qual a Igreja sempre foi uma das participantes mais

ativas! Afinal, a Igreja não está fora do mundo nem distante de sua realidade. É parte constitutiva da história, refletindo em seu interior todos os acontecimentos mundiais. E, claro, colabora ativamente com as mudanças históricas que não param de acontecer.

Boa leitura a todos!

**“Annuntio vobis gaudium
magnum!**

HABEMUS PAPAM:

**Eminentissimum ac
reverendissimum Dominum,**

Dominum (?????),

Sanctæ Romanæ Ecclesiæ

Cardinali (?????),

Qui sibi nomen imposuit (?????)”

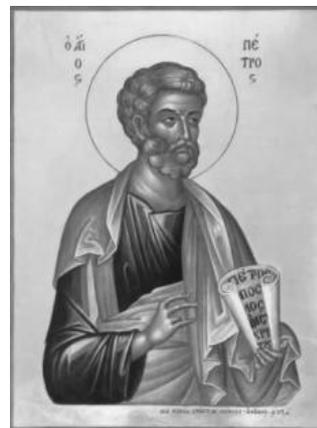


CAPÍTULO I

DE PEDRO A SIMPLÍCIO: OS PAPAS DA ANTIGUIDADE

1. Pedro (†67): Papa de 30 a 67

O apóstolo Pedro, chamado de Simão ao nascer, possivelmente tenha nascido um pouco antes do ano zero, em Betsaida, na Galileia. Era filho de Jonas e irmão de André (†60), que também foi discípulo de Jesus. Com o pai e o irmão, Simão Pedro dedicava-se à pescaria.



Segundo a narrativa dos evangelhos canônicos, foi apresentado a Jesus por seu irmão André, que tinha certa proximidade com o profeta João Batista. Assim que Jesus o viu, chamou-o de Pedro (pedra). Neste tempo, Simão era casado e morava em Cafarnaum, com a família de sua esposa.

Simão Pedro foi um dos primeiros seguidores de Jesus e estabeleceu com o mestre uma relação muito próxima, sendo mesmo do grupo mais ligado a Jesus.

Era um homem apaixonado pelo que fazia, convicto em suas escolhas e encantado com a pregação messiânica. Por vezes, até mesmo impulsivo, falando sem pensar e usando sua espada, certa vez, para defender Jesus.

Considerando todas as referências sobre o apóstolo Pedro disponíveis não apenas nos quatro Evangelhos, mas em todo Novo Testamento, os estudiosos entendem que ele foi um típico homem do campo, uma pessoa simples, direta e também impulsiva. Parece que ele também possuía uma aptidão natural para exercer liderança, talvez por ser caloroso, vigoroso e normalmente comunicativo. Em algumas ocasiões, sobretudo no episódio que envolveu a

traição de Jesus no Getsêmani, Pedro se mostrou emotivo, sanguíneo e autoconfiante. (COLEGERO, 2020).

Dentre o grupo apostólico, Pedro sempre recebeu uma consideração especial da parte de Jesus, possivelmente em vista de ser, no futuro, o responsável pela comunidade cristã. Tanto é que, em todos os relatos antigos, incorporados ou não nos evangelhos, seu nome é sempre o primeiro a ser citado quando são nomeados os doze apóstolos.

Ademais, depois da morte e ressurreição de Jesus, é ele quem preside a comunidade e organiza o grupo dos discípulos, conforme atestado em outros livros do Segundo Testamento. Em sua atividade missionária, Pedro pregou o evangelho em Samaria, Lida, Jope, Cesareia e Antioquia, onde teria sido bispo (epíscopo, que significa supervisor).

É Pedro também quem presidiu o Concílio de Jerusalém, que decidiu uma questão muito importante para a missão evangelizadora: a acolhida dos pagãos no cristianismo nascente.

Sua autoridade, respeitada por todos, não era, no entanto, tida como algo absoluto e inquestionável. O Concílio de Jerusalém mostrou muito bem isso. Foi nesta ocasião, no ano 49, em Jerusalém, que Pedro se encontrou com o Apóstolo Paulo (5-67). A querela que seria decidida pela famosa reunião surgiu exatamente de uma admoestação feita por Paulo a Pedro, que tinha dificuldade para aceitar os pagãos na comunidade cristã.

Mais tarde, a liderança de Pedro seria criticada por seus próprios aliados. A polêmica mais contundente foi levantada por Paulo de Tarso – outro discípulo ardoroso, responsável por grande parte da disseminação do evangelho em terras “pagãs”. Em sua Epístola aos Gálatas, Paulo acusa Pedro de certa relutância em entregar-se à conversão dos gentios – ou seja, os povos não judeus. Para Paulo, certos costumes judaicos, como a circuncisão e as restrições alimentares, não deviam ser impostas aos

estrangeiros interessados em abraçar o cristianismo. (BOTELHO, 2020).

Logo após o Concílio, Pedro foi preso e encaminhado para Roma, onde passou a viver. Tendo fundado, na capital do Império, a primeira comunidade cristã, ali viveu por alguns anos até ser novamente preso e executado pelo Imperador Nero (37-68).

Tendo sido condenado a morrer crucificado, pediu para ser crucificado de cabeça para baixo, por não ser digno de morrer na mesma posição que Jesus.

Existe uma tradição muito antiga e uniforme dentro do cristianismo de que o apóstolo Pedro tenha sido martirizado em Roma por volta de 68 d.C., assim como Paulo. Tertuliano (200 d.C.) defendeu tal informação e Orígenes afirmou que Pedro foi crucificado de cabeça para baixo, uma informação também presente em alguns livros apócrifos. (COLEGERO, 2020).

Sobre sua vida e morte em Roma, há vários escritos históricos que o comprovam, escritos estes de um tempo muito anterior à ideia da Igreja Romana como sede e centro do cristianismo. Vários escritos cristãos atestam a atividade missionária de Pedro na capital do Império e na condução da comunidade cristã. Ademais, atestam que Pedro foi auxiliado pelo Apóstolo Paulo em seus últimos anos de vida.

Segundo relatos antigos, Pedro e Paulo foram sepultados na Colina Vaticana, bem próxima do Circo de Nero, onde teria acontecido seu martírio. Sobre seu túmulo, o Papa Anacleto (†92), o segundo depois de Pedro, mandou construir um santuário, para o qual muitos fiéis acorriam.

Em 316, o Imperador Constantino (272-337) autorizou o Papa Silvestre I (285-355) a edificar sobre o antigo santuário uma Basílica. Em 1506, o Papa Júlio II (1443-1513) começou a construir sobre esta primeira Basílica a atual, que foi finalizada em 1626.

A partir de 1950, inclusive, cuidadosas investigações e escavações foram feitas no subsolo da Basílica Vaticana e foi encontrada uma cripta com inscrições em grego dizendo “Pedro está aqui”. Nesta mesma cripta, foram encontrados restos de ossos que, segundo estudos específicos, podem ser de Pedro. São ossos de um homem robusto, de 60 a 70 anos, cujo corpo foi envolto em tecido de púrpura com fios de ouro.

2. Lino (10-76): Papa de 67 a 76

Lino nasceu na Tuscia, na atual Itália, filho de Herculano e de Cláudia. Infelizmente, pouco se sabe sobre sua vida, até porque não havia o costume de registrar os fatos, ainda mais num tempo em que os cristãos eram sistematicamente perseguidos.



Mudando-se para Roma, converteu-se à fé cristã e, certamente, esteve ao lado de Pedro na condução da Igreja de Roma, motivo pelo qual acabou sucedendo o Apóstolo após seu martírio. Sua existência é atestada por vários documentos de historiadores do início do cristianismo, dentre os quais, Irineu de Lião (130-202), cuja obra retrata muitas particularidades do início do cristianismo e de sua organização primitiva. Ademais, muitos o relacionam ao Lino citado na Segunda Carta a Timóteo.

É o bispo de Lião, santo Irineu, que esteve certamente, pelo menos uma vez, em Roma, quem nos fornece este elenco no seu “Contra os hereges”: “Depois de terem fundado e estabelecido a Igreja (de Roma), os bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo confiaram-na à administração de Lino, de quem fala são Paulo na carta a Timóteo. Sucedeu-lhe Anacleto...”. (PAULUS, 2020a).

Sobre a sucessão de Pedro na condução da Igreja, isso é um dado certo. Quem o atesta é outro historiador, Clemente (35-100), o terceiro sucessor de Pedro, que afirma o costume desde os primórdios de se ter alguém à frente da comunidade.

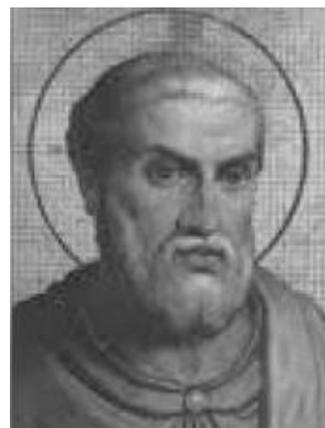
Nessa Carta, são Clemente insiste na união que reina na Igreja romana e que contrasta fortemente com o cisma que campeia na comunidade de Corinto. Recordando as origens da hierarquia eclesiástica, sublinha: “Os apóstolos provaram no espírito as suas primícias e as instituíram como bispos e como diáconos dos futuros crentes. Em seguida, estabeleceram esta regra: que após a morte deles, homens provados haveriam de suceder-lhes no ministério”. (PAULUS, 2020a).

O tempo em que esteve à frente dos cristãos romanos foi um tempo extremamente confuso e tumultuado, especialmente pela instabilidade política após a morte de Nero.

Uma tradição diz que Lino foi condenado à morte, algum tempo depois, pelo mesmo magistrado cuja filha ele mesmo salvou de uma enfermidade. No século VII, foram encontrados registros, próximo ao túmulo de Pedro, indicando a sepultura de Lino.

3. Anacleto (25-88): Papa de 76 a 88

Anacleto, também chamado pela abreviação Cleto, era de origem grega, possivelmente de Atenas. Registros antigos o identificam como sucessor de Lino no governo da Igreja de Roma.



Por algum tempo, achou-se que eram dois papas, Anacleto e Cleto. Inclusive, havia duas datas litúrgicas dedicadas a ele.

No início de seu ministério, esteve à frente da Igreja num tempo oportuno, favorecido pela paz concedida pelo Imperador

Vespasiano (9-79). Conseguiu, assim, organizar a comunidade e ordenar 25 presbíteros. Condenou o uso de objetos mágicos, a feitiçaria e os rituais pagãos. Foi Anacleto quem autorizou a veneração do túmulo de São Pedro, construindo sobre ele um santuário.

No ano de 79, houve uma erupção no Monte Vesúvio, que destruiu três cidades, dentre elas Pompeia, onde havia uma fervorosa comunidade cristã. Este fato fez surgir rumores, em algumas comunidades, de que o final dos tempos estava por vir.

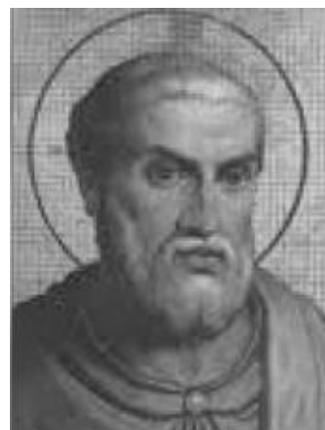
Depois de certo tempo de paz, houve um tempo acentuado de perseguição. Então, o martírio alcançou Anacleto. Sua morte se deu durante a perseguição do Imperador Domiciano (51-96). Foi sepultado ao lado do túmulo de Pedro, assim como seu antecessor Lino.

Embora Anacleto tenha conseguido alguns momentos de paz para os cristãos, o que predominou foi mesmo a perseguição. O final de sua vida foi em decorrência justamente desse cenário opressor. No ano 88, o segundo filho de Vespasiano a ocupar o trono de imperador, Domiciano, promoveu uma perseguição que capturou o Papa Anacleto e o assassinou. O papa foi martirizado e sepultado ao lado de Lino na Colina do Vaticano, local de construção da Basílica de São Pedro. Seu sucessor foi o Papa Clemente I. (GASPARETTO JÚNIOR, 2020b).

4. Clemente I (35-100): Papa de 88 a 97

Clemente nasceu em Roma, de uma família judaica. Foi um dos primeiros a receber o batismo pelas mãos do Apóstolo Pedro e se tornou seu discípulo.

Santo Irineu, o grande Bispo de Lião, testemunhou que São Clemente “tinha visto os Apóstolos”, “tinha se encontrado



com eles” e “ainda soava em seus tímpanos sua pregação e tinha diante dos olhos sua tradição”. (ACIDIGITAL, 2020a).

É de sua autoria o mais antigo escrito cristão que não consta na Bíblia: a “Carta de Clemente aos Coríntios”. Com esta carta, Clemente procura resolver os conflitos existentes na Igreja de Corinto e solucionar os impasses hierárquicos criados pelos jovens presbíteros, que não estavam aceitando as ordens dos bispos. Por isso, com muito zelo e cuidado, Clemente definiu a hierarquia católica e estabeleceu a condição de bispos, presbíteros e diáconos, indicando qual seria a função de cada ordem.

Na carta, Clemente I clama pela restauração de bispos e presbíteros que haviam sido depostos em Corinto, tentando manter a ordem e a obediência aos 12 apóstolos de Cristo. Também cria as designações de diácono e propriamente de bispo. (VIDEEDITORIAL, 2020).

Foi Clemente quem restabeleceu o sacramento da Crisma de acordo com o rito usado por Pedro e que introduziu a palavra Amém nas celebrações. Ademais, foi um grande defensor da primazia do bispo de Roma na condução de toda a Igreja.

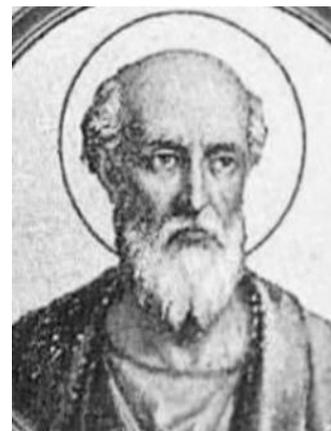
Durante seu ministério, o Império Romano estava desencadeando forte perseguição aos cristãos. Em 97, foi preso pelo Imperador Trajano (52-117) e condenado a trabalhos forçados nas minas de cobre de Galípoli. Quando isso aconteceu, renunciou ao seu ofício para que a comunidade de Roma não ficasse sem um líder espiritual.

Nas minas, enquanto trabalhava, Clemente se dedicou à conversão dos outros presos, o que irritou as autoridades imperiais. Por isso, foi amarrado em uma pedra e lançado ao mar.

Quando seu corpo foi resgatado, sepultaram-no na Crimeia e só no século IX foi trasladado para Roma. Algum tempo depois, em sua memória, foi erguido um templo na cidade de Roma, a Basílica de São Clemente.

5. Evaristo (50-105): Papa de 97 a 105

Evaristo nasceu na Ásia Menor, filho de um judeu nascido em Belém que migrou para a Antioquia no ano 15. Sua formação religiosa foi feita na Grécia. Seu nome era Aristus Desposyni. Evaristo é seu nome latinizado.



Evaristo ascendeu ao ministério de bispo de Roma por indicação de Clemente, logo que ele foi preso e enviado para as minas de cobre por ordem do Império.

Apesar das perseguições aos cristãos, Evaristo conseguiu disseminar a nova doutrina e espalhar ministros para várias localidades. Ele ordenou 17 presbíteros, 9 diáconos e 15 bispos.

De espírito aguçado para a administração, Evaristo dividiu Roma em 25 dioceses, criou um colégio de consultores para auxiliá-lo no governo e instituiu o casamento público, com a presença de um presbítero.

6. Alexandre I (75-115): Papa de 105 a 115

Alexandre nasceu em Roma e, desde muito novo, esteve envolvido com a comunidade cristã. Inclusive, tinha virtudes muito sólidas, o que favoreceu sua atuação como missionário junto a autoridades do Império.



Suas características de homem pacífico, porém determinado ajudaram a converter centenas de pessoas à fé cristã, incluindo membros do Senado e da nobreza romana. Ações que representaram verdadeiras conquistas para a Igreja Católica, pois as décadas e séculos iniciais do

cristianismo foram repletos de perseguição e insatisfação com a religião monoteísta que nascia e crescia em um império historicamente identificado pelo politeísmo. (GASPARETTO JÚNIOR, 2020d).

Quando Evaristo morreu, em 105, Alexandre era o candidato mais adequado para a função, mesmo contando apenas 30 anos.

Em seu ministério, dedicou-se à organização litúrgica, definindo que a missa devia ser celebrada com pão sem fermento e que um pouco de água devia ser misturada ao vinho. Também instituiu o uso de aspersão de água benta sobre os fiéis.

Alexandre ordenou seis padres, dois diáconos e cinco bispos e excomungou todos aqueles que não aceitavam o exercício do ministério pelos seus enviados.

Foi preso e, na cadeia, ainda converteu várias pessoas à fé cristã. Condenado pelo Império, foi amarrado a um cavalo, chicoteado e depois morto em uma fogueira.

7. Sisto I (42-125): Papa de 115 a 125

Sisto era filho de romanos que trabalhavam como pastores. Seu nome era Elvidius Xystus.

Durante seu ministério, estabeleceu várias regras para o culto cristão.

Por exemplo, decidiu que, durante a consagração, ninguém, além dos ministros de culto, podia tocar o cálice sagrado e a patena; ele também introduziu na Missa que, após o Prefácio, a oração do “Santo” fosse recitada em forma conjunta, entre o sacerdote e a assembleia; ao que parece, também a fórmula final do “Ite Missa est”, embora não seja confirmada historicamente. (VATICANNEWS, 2020b).



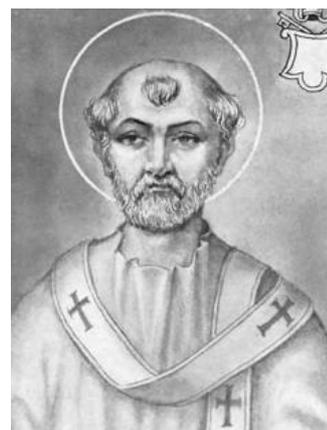
Em vista de garantir a unidade em torno do bispo de Roma e a fidelidade ao depósito da fé, Sisto determinou que todos os bispos que fossem ordenados ou que visitassem a Santa Sé deviam voltar com uma carta do Papa comprovando sua comunhão total com o sucessor de Pedro.

Sisto teve que enfrentar algumas divergências com as Igrejas do Oriente, especialmente em torno da discussão da data da Páscoa, que já era celebrada lá, mas não em Roma. Foi ele também quem mandou o primeiro missionário para a região da Gália.

Martirizado aos 83 anos, foi sepultado junto ao corpo de São Pedro.

8. Telésforo (†137): Papa de 125 a 137

Telésforo era da Calábria, sul da atual Itália. Assumindo como bispo de Roma depois de Sisto I, conseguiu conduzir a Igreja em um tempo de paz, já que não foram decretadas perseguições pelo Império. No entanto, os cristãos tiveram vários conflitos com outras comunidades que não seguiam a fé cristã.



Telésforo começou a discutir a importância de uma data para celebrar o nascimento de Jesus. Foi ele também quem determinou o tempo da quaresma antes da Páscoa. Inclusive, documentos históricos mostram que Telésforo já celebrava a Páscoa em um domingo, ao invés de seguir o calendário judaico.

Sofreu o martírio no ano 137 e foi sepultado junto a São Pedro. É o primeiro a quem Irineu de Lião cita, realmente, como mártir.

9. Higino (90-142): Papa de 138 a 142

Higino nasceu em Atenas e se chamava Hyginys Desposyni. Era filho de um filósofo e, por isso, recebeu sólida formação filosófica.

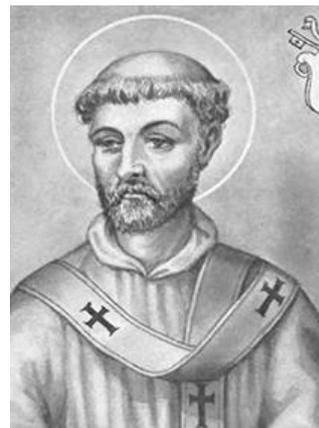
Assumindo como bispo de Roma, consolidou a ordem hierárquica, determinando a função de cada membro da Igreja e instituindo as ordens menores, e introduziu a necessidade de se ter padrinho e madrinha para o batismo.

Neste período, vários filósofos e pensadores cristãos deixaram suas terras e se dirigiram para Roma, o que mostra que a capital do Império tornava-se também capital da fé. Alguns deles, no entanto, causaram mais prejuízo à fé do que benefícios. Filósofo de formação que era, soube com muita facilidade perceber o início destas ideias heréticas e combateu-as com tenacidade. Fazendo uso de seu conhecimento filosófico, mostrou que a doutrina cristã precisava ser defendida com discursos muito bem compreensíveis.

Valentim e Cerdão ousaram enfrentar Roma espalhando a heresia do gnosticismo, mistura de doutrinas e práticas religiosas com filosofia e mistérios, cujo princípio fundamental é este: há uma fé comum que é suficiente aos incultos, mas existe uma ciência reservada aos doutos que oferece explicação filosófica da fé comum. Os dois hereges foram excomungados pelo papa Higino. (PAULUS, 2020b).

Possivelmente o gnosticismo tenha sido a primeira heresia com impacto sobre a vida dos cristãos e seus idealizadores os primeiros a serem oficialmente condenados.

Tendo sofrido o martírio, Higino também foi sepultado junto ao túmulo de São Pedro.



10. Pio I (100-154): Papa de 142 a 154

Pio nasceu na Aquileia, no norte da atual Itália, e pode ter sido escravo na juventude.

Pio sucedeu Higino, depois de um jejum de três dias feito pelos cristãos de Roma, em vista da escolha do novo bispo. E talvez tenha sido o primeiro a governar a Igreja sozinho, com toda responsabilidade depositada nele mesmo. Tudo indica que, até seu antecessor, havia na verdade um grupo que coordenava a Igreja de Roma, na qual o bispo-Papa seria o primeiro responsável, quase como uma referência para todo o grupo. Com Pio I, a questão mudou e ele foi, de fato, o primeiro a concentrar toda autoridade em si mesmo.

Outra heresia que surgiu no seu tempo e precisou ser combatida foi o marcionismo, que defendia a diferença radical entre o Deus do Primeiro Testamento e o do Segundo, o que era inaceitável para a concepção cristã. Em julho de 144, após um sínodo de presbíteros, Pio acabou excomungando Marcião (85-160).

Pio I enfrentou problemas de cunho religioso com os judeus convertidos e com os hereges de seu tempo. Entre estes estavam os gnósticos, com destaque para Marcião, criador do marcionismo, uma seita religiosa cristã do início do século II que rejeitava que o Antigo Testamento estivesse ultrapassado e fazia oposição entre justiça e amor, lei e evangelho. Pio I até tentou dialogar com esses hereges que defendiam visões mais espiritualizadas dos evangelhos sagrados, mas não houve entendimento. Marcião foi excomungado. (GASPARETTO JÚNIOR, 2020f).

Como bispo de Roma, foi ele quem estabeleceu oficialmente o domingo de Páscoa. Quando houve o Concílio de Niceia, em 325, e a data da Páscoa foi fixada em um domingo, na



verdade o Concílio apenas estava referendando o que já vinha acontecendo há pelo menos um século e meio.

A Igreja de Santa Pudenziana, a mais antiga ainda de pé em Roma, foi construída por ele.

11. Aniceto (110-166): Papa de 155 a 166

Aniceto nasceu na Síria e sucedeu Pio I como bispo de Roma. Logo no início de seu ministério teve que lidar com o montanismo, fundado entre 156 e 157 por Montano.



Ele foi organizado e difundido entre várias comunidades que se espalhavam pela Ásia Menor, no Norte da África e na própria Roma. O movimento era como uma volta ao profetismo para valorizar elementos esquecidos da mensagem cristã primitiva, com atenção especial para a esperança escatológica. Era dotado de vários dogmas, como a castidade durante o casamento, a proibição das segundas núpcias, o jejum durante duas semanas do ano, o consumo de alimentos secos, o não consumo de carne, a não absolvição de pecadores e o oferecimento voluntário ao martírio. (GASPARETTO JÚNIOR, 2020g).

Além disso, Aniceto lidou diretamente com os gnósticos, que insistiam em disseminar suas teorias entre os cristãos, causando cisão ao grupo dos crentes.

Aniceto também proibiu os presbíteros de manterem seus cabelos compridos, para não se verem presos na vaidade.

Sobre a querela da data da Páscoa, houve um episódio muito interessante que mostra a primazia de Roma, mesmo que em construção, sobre as demais Igrejas.

O bispo de Esmirna, na Ásia Menor, Policarpo (69-155), com mais de 80 anos, foi até Roma para discutir com o Papa a questão